

O TEMPO DA PSICANÁLISE

Carlos Pinto Corrêa

XXIII JORNADA

21 e 22 de OUTUBRO de 2011

Dizer que o inconsciente é atemporal, ou como disse Freud em 1915 que o inconsciente ignora o tempo, pode sugerir, em princípio, que ele estaria livre de uma das mais importantes limitações naturais do homem. Na verdade, este atemporal, nos mostra que ele possui a um só tempo, todos os tempos, como se em vez de ser um atributo ou uma disponibilidade, como no plano consciente, é uma fruição permanente. Assim os acontecimentos, épocas, ou lembranças em vez de sucessões, se sobrepõem a uma concomitância difícil de ser pensada.

Sem essas condições excepcionais do inconsciente, o exercício da psicanálise, a relação transferencial, ou a posição do sujeito analista ou cliente estão impregnadas das limitações temporais (tempo de análise, de formação, de sessão, de interpretar ou timing, além das vinculações históricas do sujeito em análise com todas as suas limitações temporais.

Filosoficamente, também se tem tomado o tempo como circunstância, aquilo que desaparece frente ao acontecimento em si. Aqui, desgraçadamente, vamos à conceituação do filósofo-dicionarista Lalande, que o entende como o período que vai de um evento anterior a um evento posterior, ou seja, um intervalo subjacente que nada é em si. Em rumo mais elementar associamos: duração, período, decurso, transcurso, prazo, fase, lapso, formando nosso próprio dicionário analógico.

Para nós psicanalistas, outro bom caminho para reflexão sobre o tema está em Santo Agostinho que o identifica com "a própria vida da alma" que se estende para o passado, que não existe mais ou para o futuro que ainda não existe. Um tema abrangente para a XXIII Jornada, que inclui até nossa temporalidade como instituição, ou a psicanálise na Bahia. Resumindo, a implicação da psicanálise, ou nossa implicação com o tempo, na sábia definição de Pitágoras: o tempo como "a esfera que abrange tudo"